APRESENTANDO “PÁTRIA”

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é flo-rão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
«Liberta que serás também»
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
«Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes”

Acionar o poema "Pátria Minha" de Vinicius de Moraes para apresentar o livro *Pátria* (República em Documentos, Série Documentos Museológicos), organizado por Paulo Celso Liberato Corrêa que, por sua vez, examina e debruça-se com delicada e rigorosa atenção sobre o quadro *Pátria*, de autoria de Pedro Bruno, pintado em 1919, significa dizer que não existe uma única forma de olhar para a pátria. A pátria é uma construção discursiva e não uma entidade ancorada em uma essência qualquer. O poema de Vinicius, o livro de Paulo Celso e a obra de Pedro Bruno constituem, a rigor, diferentes formas de olhar para a pátria e contribuem para a compreensão da incompletude de toda e qualquer representação, de todo e qualquer discurso ou narrativa sobre a pátria.

O quadro *Pátria*, pintado e assinado por Pedro Bruno em 1919, 30 anos após a Proclamação da República, faz parte do acervo do Museu da República. Trata-se de uma pintura que em 2019 comemora 100 anos e que até hoje alimenta e estimula debates em torno do que nela está representado.

É importante registrar que no âmbito dos acervos do Museu da República o quadro *Pátria* é um dos que mais chamam a atenção do público e que mais mobilizam o gosto popular. No imaginário social popular este quadro tem um lugar de destaque; sua imagem já esteve reproduzida em cédulas, selos, cartazes, quebra-cabeças, capas e páginas de livros didáticos e muitos outros livros.

A cena doméstica e familiar que se desenrola ao redor da bandeira republicana, com seu expressivo conjunto de cores tão presente na memória afetiva do brasileiro, suscita diversas interpretações.

O presente livro, organizado por Paulo Celso, contando com textos de sua autoria, e também de Isabel Portela, Roberto Bastos e Denise Guiglemeti, examina o significado do quadro *Pátria* enquanto obra de arte e símbolo político-cultural republicano, registra processos de restauração e oferece aos professores, pesquisadores e ao público interessado um conjunto específico de informações.

Através de publicações como esta, o Museu da República reafirma seu compromisso com a pesquisa e a produção de conhecimento histórico. O poema, o livro e a pintura (*Pátria*) são produtores de narrativas diferenciadas e liberdade.

Mario Chagas
Diretor do Museu da República/Museu Palácio Rio Negro